

Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver

HENRIQUE ANTUNES CUNHA JUNIOR*

Resumo: Maat é o princípio filosófico da antiguidade do Egito e Núbia. Pela teoria da africanidade de Diop, como um princípio de todas as sociedades africanas, o equilíbrio social do Maat reverbera nas sociedades africanas. As filosofias africanas têm em comum as relações de solidariedade social e de equilíbrio entre os seres da natureza e os seres humanos. Num plano duplo do mundo, do visível e o invisível, a matéria e antimatéria utilizando uma noção da física ocidental. O artigo propõe a filosofia africana como uma Hermenêutica do “Bem Viver”. Partindo do equilíbrio universal cósmico que deveria ser reproduzido na realidade dos seres humanos. Existe a “Energia Vital”, bem definida na filosofia Bantu, que entende que tudo, material e imaterial, do passado, do presente e do futuro, a teoria da ancestralidade, a Energia Vital, inter-relacionada com outras energias formam a teórica sistemática da complexidade africana. Se fossemos ensinar a filosofia africana colocaríamos a teórica do Maat e mostraríamos o reflexo nas sociedades africanas tradicionais, mostrando o desenvolvimento das filosofias africanas. Colocando as rupturas com os problemas da ocidentalização e do domínio tecnológico. Em torno desses eixos faz-se uma exposição geral e classificatória de um possível entendimento da filosofia africana.

Palavras chaves: Ensino de filosofias africanas; Hermenêutica do bem viver; Africanidade e afrodescendência; Sociabilidade africana.

If I were to teach african philosophies I would teach them as the hermeneutics of the good to live.

Abstract: Maat is the philosophical principle of ancient Egypt and Nubia. According to Diop's theory of Africanity, as a principle of all African societies, the social balance of the Maat reverberates in African societies. African philosophies have in common the relations of social solidarity and balance between natural beings and human beings. In a double plane of the world, of the visible and the invisible, matter and antimatter using a notion of Western physics. The article proposes African philosophy as a Hermeneutics of “Well Living”. Starting from the universal cosmic balance that should be reproduced in the reality of human beings. There is the "Vital Energy", well defined in the Bantu philosophy, which understands that everything, material and immaterial, from the past, the present and the future, the theory of ancestry, the Vital Energy, interrelated with other energies form the systemic theoretical African complexity. If we were to teach African philosophy, we would place the Maat theory and show the reflection in traditional African societies, showing the development of African philosophies. Placing the ruptures with the problems of westernization and technological dominance. Around these axes it is made a general and classificatory exposition of a possible understanding of African philosophy.

Key words: Teaching African philosophies; Hermeneutics of good living; Africanity and Afro-descent; African sociability.



* **HENRIQUE ANTUNES CUNHA JUNIOR** é Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro do Instituto de Pesquisa da Afrodescendência – IPAD.

Para introduzir a filosofia africana: resolvendo problemas

Desde 1976, aproximadamente, venho acompanhando o curso do desenvolvimento da filosofia africana ligado ao Pan Africanismo. Durante esse tempo se discutiu no que consistia a filosofia africana. Outro debate importante foi se a filosofia era grega e se a filosofia grega seria uma versão da filosofia do antigo Egito. Embora essas questões sejam consideradas ultrapassadas na literatura, elas ainda ocorrem no Brasil devido ao atraso conservador da intelectualidade local.

Podemos iniciar o entendimento da filosofia africana como uma proposição, ela existe porque existe. Existe porque é própria do ser humano. Existe porque os momentos históricos exigiram essa existência.

A filosofia africana: o conhecimento dos sábios (ORUKA, 1990), (MBITI, 1969), (OLUWOLE, 1997), as marcas egípcias (OBENGA, 1990) e etiopês (SUMNER, 2004) e os embates com a dominação eurocêntrica (NYERERE, 1968), (NKRUMAH, 1964), (NGUGI WA, 1981). Desse misto, podemos conceituar a filosofia africana, um misto radical de diversas práticas e muitos embates. Se não houvesse a prepotência da dominação eurocêntrica não teríamos dúvidas e dúvidas do que é filosofia africana. Caso a civilização europeia não tivesse concentrado seu epíteto da dominação na racionalidade científica a filosofia e a matemática não seriam a parte central da construção do sistema de dominação e não discutiríamos o que discutimos hoje. Descartes com o discurso do método que é considerado a base da ciência moderna e Hegel que projetou um sistema para a ciência e a dialética, foram ingenuamente utilizados, habilmente divulgados e transformados no centro do sistema

europeu de dominação (CAMARA, 2005). Eles não imaginavam a propagação dos efeitos das suas obras. Obras que não tem nada de espetacular se não fossem os contextos temporais e espaciais dos momentos históricos em que foram apropriados. Somente pela grandeza da geopolítica da dominação ocidental foram considerados geniais. Fazem parte de tudo que os governos elaboraram numa sistemática arquitetura da dominação europeia.

Poderíamos denominar de filosofia africana tudo que serve para negar e renegar a dominação eurocêntrica e produzir um lugar para a libertação africana. Não é tão simples e nem talvez possível definir num mesmo conceito 6000 anos de pensamento coletivo e de pensadores africanos. São contextos e propósitos tão díspares que hoje não é possível elencar num desespero em poder respirar, e desespero porque falta o ar e a falta do ar produz a morte.

A filosofia africana é a viga das sociedades africanas, são as regras que regem a sociedade, são as forças sociais das nossas religiões. Não serve como racionalidade no mundo ocidental, mas gera todas as possibilidades da convivência entre o coletivo dos seres humanos e equilíbrio desses com os seres da natureza, numa procura de equilíbrio entre o mundo visível e o invisível. A teoria é a prática da exposição da complexidade na versão africana. Sendo que o que é novo e problemático para os europeus, como a teoria da complexidade (CUNHA JUNIOR, 2017), é velho e simples para nossa africanidade, simples e prático, todos comungam da existência social dependendo de muitos fatores, e todos zelam pelo zelar desses fatores nos nossos ritos religiosos. Não existe nas sociedades africanas a necessidade em separar a religião do pensamento

racional visto que a religiões africanas contêm a racionalidade de compatibilizar ensinamentos da convivência entre os seres da natureza e os seres humanos. Religião e a filosofia africana exercem uma missão, a de estabelecerem uma “Hermenêutica do Bem viver”. Indicam como bem viver em sociedade complexa, na qual existe o mundo visível e o invisível, os seres da natureza e os seres humanos e é preciso estabelecer um equilíbrio nesta vivência.

Sobre o ensino da filosofia africana penso ser interessante reunir um longo percurso histórico em quatro grandes blocos. Sendo o primeiro bloco a filosofia do antigo Egito, começando pelo poderoso conceito da Maat e do equilíbrio do universo e da sociedade (DECOEUR, 2011). Vendo também o texto de Théophile Obenga sobre a filosofia egípcia (OBENGA, 1990). Apresentando depois o texto filosófico mais antigo que conhecemos colocado nas Máximas de Ptahotep (SIMPSON, 1986) e concluindo este passeio filosófico egípcio com um dos autores mais difíceis e contestados, Hermes Trismegisto (LACHMAN, 2011). No segundo bloco, a hermenêutica do bem viver. As filosofias das sociedades Bantu e da África Ocidental (ORUKA, 1990), (TEMPELS, 1969); (KAGAME, 1976), (ALTUNA, 2006), (DELFINO, 2020). Hermenêutica como universo de interpretação das relações entre os seres da natureza e os seres humanos. Partimos de vários pressupostos de compreensão da criação do mundo e do universo e da relação com a existência de sociedades humanas, coletivas relacionados à nossa existência como seres de um sistema complexo, do mundo visível e invisível, dos seres humanos e dos demais seres da natureza, como o artefato geral do processamento das energias. Contextos

plurais de muitos significados, a hermenêutica como uma leitura do mundo herdado da ancestralidade. A complexidade dada pelas interações das diversas formas de energia vital; A hermenêutica do sistema complexo de energia vital em interações dinâmicas (CUNHA JUNIOR, 2017). O terceiro bloco reservado para complexidade da arte e da estética africana, da geométrica de Kemet à racionalidade da estética africana. Os ritmos da arte africana e relação deles com as hermenêuticas do bem viver em sociedades complexas (DELFINO, 2020). O quarto bloco, voltado para as pessoas que criaram demarcações conceituais importantes na filosofia e polemizaram com relação à filosofia africana.

A filosofia da Maat e a filosofia de Kemet

Maat é um conceito, um símbolo e uma Deusa, como conceito filosófico refere-se aos antigos conceitos egípcios de verdade, equilíbrio, ordem, harmonia, lei, moralidade e justiça. Como símbolo representa construção estética presente em monumentos e escritos egípcios. Maat também foi a Deusa que personificou esses conceitos, a sua história como Deusa é relacionada à regulação do universo, aos astros celestes, às estações do ano e à regularidade do universo. Como ideologia de vida das populações, o equilíbrio da Maat possui como oposição o Isfet, com os significados de injustiça, caos, violência ou fazer o mal, representado por uma serpente gigantesca que abarca parte do universo.

Três mil anos de continuidade das dinastias egípcias de grandes realizações no campo das construções, da ciência e da organização social são estabelecidos devido a percepção tida sobre a Maat. Na religião os seres eram julgados quando da sua morte pelas leis

da Maat (DECOEUR, 2011). O hieróglifo que representa a Maat na escrita Egípcia é a pluma de avestruz que a Deusa Maat carrega na cabeça. No julgamento final a alma era pesada numa balança e para ter a absolvição e passar para a iluminação a alma precisava ser mais leve que a pena de avestruz. A leveza, um entre os princípios era não ter feito o mal, mas não ter feito o mal não bastava era necessário ter feito o bem.

Maat se encontra na gênese das filosofias e valores sociais de todas as sociedades africanas. Conclusão derivada do conceito de africanidade de Diop (DIOP, 1999). A Maat contém um princípio importante em toda a filosofia egípcia e africana, o conceito de equilíbrio e harmonia. Conceito de origem cosmológica retirado do equilíbrio e da harmonia do universo e aplicado às diversas instâncias da vida humana enquanto ser social. Abriga os diversos fins do conhecimento africano, tais como a ética social e o conjunto de leis sociais para a filosofia do bem viver na sociedade em relação ao conjunto social e ao conjunto da natureza. Maat é um complexo de conceitos importantes e fundamentais para compreensão da sociedade egípcia na antiguidade e do pensamento das sociedades africanas na atualidade, visto que todo conhecimento africano denominado de tradicional possui relação ancestral com o conceito de Maat.

Em síntese a Maat do ponto de vista filosófico, por ser uma hermenêutica social. Maat é considerado o princípio mais importante no antigo Egito, um princípio que fundamenta os conhecimentos clássicos holísticos das sociedades africanas. É o equilíbrio e harmonia do universo, é o equilíbrio e a harmonia da vida humana.

Ptahhotep - Ptahhotep foi o vizir do faraó Djedkare Isesi, da quinta dinastia, no vigésimo quinto século antes da era cristã. Vizir era ministro e conselheiro do monarca. Os vizires foram pessoas de elevada cultura e ocupavam muitas funções na administração pública. Na história da filosofia o texto mais antigo conhecido é referido a ele e se encontra na Biblioteca Nacional da França em um papiro descoberto em 1847. Texto onde Ptahhotep ensina as máximas dos bons comportamentos de um administrador público para seu filho. Os temas das suas máximas são: o silêncio, o tempo, a veracidade, os relacionamentos e as maneiras de agir dos governantes. O *silêncio* importante para ouvir as pessoas e a necessidades do povo. O *tempo* como as possibilidades de mudanças e do aparecimento da verdade. Nada resiste ao tempo e tudo aparece depois de certo tempo. A *veracidade* é a sabedoria das verdades, é como se aprende a vida. Os *relacionamentos* entre os que possuem e os que não possuem, entre os que tem poder e os que não têm e a necessidade dos governantes de atender aos fracos e de protegê-los. *Como os governantes devem agir* segundo os preceitos do Maat, ou seja, a justiça e o equilíbrio na sociedade (FONTAINE, 1981). As práticas éticas são inspiradas na filosofia do Maat (SIMPSON, 1986).

Hermes Trimegistus, foi três vezes o máximo, três vezes sábio, figura histórica egípcia que provavelmente viveu a mais de 2500 anos antes da era denominada como cristã. Seus textos fazem parte do pensamento hermético, um conjunto filosófico relacionado com a astrologia e com a antiga alquimia. Três são as obras mais conhecidas de Hermes Trimegistus: A tabua de Esmeralda, Corpus Hermético (apresentado em quatro volumes) e Caibalion (Kybalion) (LACHMAN,

2011). O livro *Tabua de Esmeralda* contém treze das leis para atingir a iluminação. O caminho entre o Céu e a Terra. Os dois mundos. O caminho entre o espírito e matéria. A cor verde como simbolismo desse caminho mental. Nos quatro volumes de *Corpus Hermético* encontramos um conjunto de ideias de difícil interpretação, que estão entre a teologia e o porquê da existência humana (LACHMAN, 2011). Baseado nos princípios egípcios conhecido como *Leis Herméticas*, O *Caibalion* (Kybalion), palavra que pode ser traduzida como “tradição ou preceito manifestado por um ente de cima” é considerado um livro esotérico e contém a explicação do princípio da causa e efeito e apresenta considerações teológicas. Para o estudo da filosofia africana é importante a relação feita na história entre a figura de Hermes e a divindade egípcia Thoth, que é a divindade com a cabeça de Ibis relacionada aos conhecimentos de dois mundos, do mundo cósmico e do mundo terrestre (AUFRERE, 2008).

Acredito ser de interesse para a filosofia da ciência a apresentação dos sete princípios Herméticos (HANEGRAAFF, 2008). A saber, 1 - *Princípio do Mentalismo*, a totalidade é mental, ou seja, tudo que podemos conhecer se restringe a mente humana; 2 - *O Princípio da Correspondência* onde tudo tem uma correspondência entre o ínfimo e o grande, entre o que se encontra no cosmo e na terra; 3 - *Princípio da Vibração*, tudo se encontra vibrando em diversas frequências, nada se encontra completamente estático; 4 - *Princípio da Polaridade*, tudo apresenta dupla polaridade, tudo contém o negativo e o positivo; importante em relação à visão da física e as teorias modernas da complementaridade; 5 - *O Princípio do Ritmo*, tudo contém na sua criação uma música, um ritmo. A partir

desse fato é possível a elaboração na atualidade de uma ciência dos sons para fins de cura. Uma hipótese científica sobre as grandes construções da humanidade refere-se ao conhecimento sobre música no passado e principalmente sobre as construções e conhecimentos egípcios; pode ser considerada uma ciência que foi perdida; 6 - *Princípio do Gênero*, tudo que tem vida natural apresenta na sua criação os dois gêneros; 7 - *Princípio da Causa e do Efeito*, toda causa corresponde a um efeito e todo efeito a uma causa. Um não existe sem o outro. Os trabalhos de Trimegistos são uma grande síntese dos conhecimentos egípcios.

A lógica formal Bantu

O problema da pré-existência

Na lógica Bantu e do antigo Egito tudo depende de uma pré-existência. A existência possui causas originais, as vezes múltiplas, e de processos de transformação de diversas influências resultando na existência atual. O ser divino é único não depende dessa lógica, o criador pré-existente. Com um sopro criou a energia que permitiu todas as criações. Não se discute o divino nas sociedades africanas. O ponto de partida de tudo é a energia vital e os processos da sua transformação.

A sociedade existente e os valores societários

Na compreensão da filosofia africana há a necessidade de admitirmos a existência dos valores societários, designados como: sociais, morais, religiosos, políticos, estéticos e econômicos (IDANG, 2015). Os *valores sociais* são dados pela participação constante de todos os membros da sociedade em formas de reuniões, festivais, danças e trocas de bens. Os *valores morais* caracterizam-se pelo

sentido de trazer equilíbrio nas relações entre os membros da comunidade. A cultura africana está inserida em fortes considerações morais. Possui um sistema de várias crenças e costumes que todo indivíduo deve manter para viver e para evitar trazer maldições a eles e para a comunidade. Relativo aos *valores religiosos* tem-se que todas as sociedades giram em torno de fatos e ritos religiosos (OLIVEIRA, 2003). Tudo e todos têm relação em todos os lugares-tempos com o sagrado. A religião nas sociedades africanas parece ser o ponto de apoio ao redor do qual toda atividade humana converge. Acreditam na existência da alma humana e que a alma não morre com o corpo. Na religião tradicional existem bons e maus espíritos e esses espíritos são o que torna possível a comunicação com o Ser Supremo.

Quanto aos *valores políticos* as sociedades africanas possuem instituições políticas com chefes legados pela tradição e respeitados por isso. A coisa mais significativa sobre a sociedade tradicional é que a hierarquia política começa com a família. Cada família tem um chefe de família, também cada vila tem um chefe. A *estética africana* é baseada no sistema de crenças e conhecimentos tradicionais, muito ligados às formas de conservar ou proteger simbolicamente a energia vital. Os *valores econômicos* são marcados pela cooperação. A economia tradicional, baseada principalmente na agricultura e na pesca, acontece em regime de cooperação (IDANG, 2015).

Estrutura das formas de pensar africano Bantu

A filosofia Bantu pode ser reconhecida pelo argumento de que as categorias filosóficas africanas são identificadas através das categorias inerentes à

linguagem. Sendo que a principal categoria metafísica no pensamento das sociedades de língua Bantu é a Força Vital ou a Energia Vital. Pensando pela física ocidental a melhor terminologia seria energia. Pensar em energia implica que a realidade é sempre dinâmica, tudo possui movimento e se encontra em constante transformação. O ser é a energia ou a força vital. (ALTUNA, 2006); (TEMPELS, 1969); (KAGAME, 1976), (CUNHA JUNIOR, 2017).

Tempels produziu a noção de força vital e instituiu como base do pensamento Bantu três noções fundamentais: força vital, intensificação das forças e influência vital. Para ele existia um princípio filosófico central a “força vital” em torno da qual se organiza tudo; é a realidade do próprio ser humano. Sendo que o ser é igual à noção de força e também “vida”, “força vital” e “ser” são termos correlatos. Para a sociedade Bantu a vida é um valor supremo, portanto a força vital e o viver com força é fundamental e a sociedade deve se esforçar para aumentar a força vital de cada indivíduo e da comunidade. A força vital dos indivíduos e das comunidades pode diminuir ou aumentar na dependência de influências externas. Coisas como as desgraças, pragas, guerras, doenças, tristeza e cansaço representam a diminuição da força vital. Os seres estariam interrelacionados, em dois níveis, o do sensível e do suprassensível. O sensível através dos sistemas visíveis, químicos, físicos, acústicos e mecânicos. O suprassensível, com sistemas invisíveis, com os ancestrais, com os espíritos e com o ser supremo. Tempels mostrou a organização de um sistema de pensamento que organiza as sociedades dos povos Bantu.

A língua falada e as interpretações dos significados dos termos foi um caminho para compreensão da lógica formal Bantu. Categoriza-se a energia vital ou força vital como o NTU, que não expressa a força da natureza em si, mas a sua existência. Importante que Deus é a única categoria à parte que não tem necessidade de se expressar pelo NTU. Os ancestrais e Inquices são parte de um dado NTU. O NTU é uma expressão de energia. Tudo é composto da combinação ou de transformações da energia em qualidades diversas (CUNHA JUNIOR, 2017). Cada categoria de palavras tem um NTU em determinada qualidade ou modalidade. Sendo quatro categorias básicas de tudo que existe: MUNTU, para os seres humanos completos; KINTU, para as coisas animadas e inanimadas portadoras de vida; HANTU, representando tudo que tem relação com tempo e espaço; KUNTU, como os atributos de interrelação de categorias, como uma força que permite a ligação entre dois significados (KAGAME, 1956). Toda a existência, toda a essência, em toda forma que ela pode ser concebida, pode ser submetida a este conjunto de categorias. As palavras do Bantu dentro dos grupos de classificação são conhecidas pelos sons que agrupam energias de uma determinada qualidade (FINNEGAN, 1983). Cada palavra possui uma espécie de prefixo determinativo da sua natureza, da qualidade ou estado da sua força ou energia interna.

Resultados da morfologia dizem que a característica morfológica mais distintiva das línguas bantus é o agrupamento de substantivos em diferentes classes, marcado por um prefixo compostos pela sonoridade dos temos e pela justaposição das sonoridades. Os membros de uma classe compartilham o mesmo prefixo. No

estudo da morfologia das línguas Bantu, Alex Kagame produziu uma visão de racionalidade classificatória dos termos inerentes às sociedades Bantu (KAGAME, 1976). As línguas Bantu em geral apresentam ainda uma organização silábica típica, uma sílaba é produzida por uma consoante “C” e uma vogal “V”, a sílaba é “CV”. A forma morfológica sobre a qual se organizam as palavras Bantu é tipicamente CV, VCV, CVCV, VCVCV; A construção CVC não é encontrada na maioria ds linguas.

A estética africana

A compreensão da estética africana e da arte africana tem fortíssima relação com a compreensão de religiões africanas (PINN, 2009). A religião africana tradicional é holística e transcendental. Comporta o mundo visível e invisível. O ser humano é composto de corpo, espírito e alma. Sendo que a arte africana e sua estética cuidam da preservação destas três partes. O ser humano precisa sintonizar-se como o sagrado, ancestrais e espíritos, com a sagrada natureza, como as plantas, animais, metais e minerais, nos planos invisíveis e visíveis. Necessita de sintonia com a energia celeste ou cósmica é através da arte e a estética artística. A arte é uma compreensão da ordem, da organização da natureza, do que tem de bom nesta ordem, mas o que deve ser expurgado da desordem.

A arte transmite a percepção de lugares, tem a dimensão cognitiva e afetiva dos lugares. Transita pela identidade, sentimento, pertencimento e valores. Transita entre o símbolo, significado e a representação, procurando na ordem a vivência e a apreciação do bem viver. Todo lugar permite uma apropriação simbólica, pois possuem significados simbólicos, em níveis cósmico ou físico, assim é arte e a estética se insere

no mundo das religiões de matriz africana e vida africana em geral. Pensando a estética, a apreciação da arte como expressão do desejo do bem viver.

Os padrões, a organização dos padrões, a matemática como parte da ciência dos padrões e a geométrica é uma forma materialização da compreensão da relação dos seres humanos com os lugares e necessidade de controle da ordem para o bem viver. O universo é equilibrado e estável, e essa organização obedece a padrões. Da mesma forma que a vida na terra cujo objetivo grande é o equilíbrio é desejável ser interpretado por padrões. Assim a arte e a estética africana são partes da ciência dos padrões (FRANÇA, 2017), (CUNHA JUNIOR, 2017).

A estética nas danças e máscaras dançantes na filosofia da ancestralidade

A sociabilidade, a solidariedade, a fala dos tambores, a comunidade de vivências, a comunidade de propósitos sociais e os antepassados são valores sociais africanos que as danças e os festivais incorporam na sacralidade social dos rituais grupais das comunidades africanas. Uso o termo sacralidade social em razão de que as festas e festivais são sempre sagrados, passam pela reverência à ancestralidade, não se dividem em sagrados e profanos. Tudo é sagrado. Dançar e produzir festivais dançantes são parte do cotidiano das sociedades africanas. Nas sociedades africanas existe a expressão social da fala dos tambores, inclusive algumas sociedades realizaram linguagens de tambores para a comunicação de longa distância. O tambor e as suas sonoridades é um valor estético africano; acompanha os tambores as vestimentas e as performances dramáticas das danças

africanas, dança que forma um complexo conjunto de grande valor social. A ancestralidade é uma síntese do território e da sua comunidade e a dança africana representam em muitos aspectos estes valores societários.

As danças ocorrem em diversas ocasiões, algumas partem do calendário das cidades como os festivais anuais, outras acontecem em ocasiões relevantes, como rituais de nascimento, casamentos, nos quais as danças de máscaras funcionam como a união dos ancestrais com os presentes, como uma conexão de energia entre o passado e o presente, como uma garantia de benção e prosperidade para o futuro. Para a relação dança Ioruba e estética um artigo histórico é o de Joel Adedeji (ADEDEJI, 1969) e no livro de Omofolabo Ajayi uma discussão sobre as linguagens não verbais no continente africano (AJAYI, 1998).

Filosofia africana de combate

A filosofia africana e afrodescendente frente à massa de formas de aniquilação do “Ser Africano” e do “Estar Ser Humano” sendo negro trabalhou intensivamente durante todo o século vinte o tema de quem somos nós e de como vivemos em diversas formas de expressão, produzindo um discurso filosófico étnico das identidades. A afirmação das identidades foi a grande produção desse capítulo da filosofia africana e afrodescendente; em muito organizada em torno do movimento intelectual Pan- africano. A revista “Presence Africaine”, editada em Paris, foi o centro do importante debate e da publicação de diversos trabalhos de diferentes autores. Notamos que se tratou de uma profunda necessidade do reconhecimento de si por africanos e afrodescendentes, sendo em síntese um grande debate sobre a racionalidade

humana e sobre as competências africanas de organização civilizatória.

A filosofia da identidade africana nem sempre foi trabalhada no campo específico e nominal da disciplina da filosofia, encontramos trabalhos em literatura, antropologia, política, economia e artes, principalmente no campo da estética e sem a pretensão ou a intenção em fazer filosofia, porém fazendo. Apresentando no seu conjunto começos seminais bastante anteriores ao século vinte, como os autores da revolução do Haiti ou do rastafári jamaicano, e retomados complementares, também apresentou contestações importantes. Nesse tópico é grande a variedade de opções de trabalhos relevantes (VIEIRA, 2012).

Como opção e pela forma de entenderem e pensarem o continente africano e a diáspora caribenha e brasileira apresenta-se quatro autores, o queniano Jomo Kenyatta com “Facing Mout Kenya” (KENYATTA, 1936), a nigeriana Sophie Oluwole com “Philosophy and Oral Tradition” (OLUWOLE, 1997), o antilhano Edouard Glissant com o livro “Le discours antillais”, um livro de 1981, com uma edição em 1997 (GLISANT, 1997) e a brasileira Leda Martins com o livro “Afrografias da Memória” (MARTINS, 1995).

O supracitado livro “Facing Mout Kenya” possui uma questão importante sobre quem é o povo queniano e quais as suas tradições. Kenyatta elenca os mistos da criação, as formas de organização da sociedade Gikuyu, um dos grupos nacionais do Quênia. O livro é uma descrição profunda e com muitas interrogações sobre a narrativa Gikuyu – Queniana e apresenta os seguintes capítulos: Origem tribal e sistema de parentesco; O Sistema Gikuyu de Posse da Terra; Vida econômica; Indústrias;

Sistema de Educação; Iniciação de meninos e meninas; A vida sexual entre os Jovens; Sistema de Casamento; O Sistema Gikuyu de Governo; Religião e Adoração aos Antepassados; A nova religião na África Oriental; Práticas Mágicas e Médicas e a Conclusão. Trata-se de uma valorização do povo Gikuyu, foi um dos textos mais lidos no processo de independência do Quênia.

No livro “Philosophy and Oral Tradition” duas questões são relevantes, uma é sobre a importância e eficiência da tradição oral para a filosofia e para o conhecimento africano. Outra, trata da filosofia do Ifá e de seu pensador supremo Orunmila, comparado pela autora a Sócrates na literatura do ocidente, e dos conhecimentos do povo Ioruba. Os ensinamentos e obras de Oluwole são geralmente atribuídos à escola iorubá de pensamento filosófico, que estava ancorada nos conhecimentos culturais e religiosos (Ifá) das várias regiões Yorubanas. Nas tradições orais de Ifá, Oluwole também encontrou evidências convincentes de conhecimentos antigos pertencentes à ciência da computação moderna e à física de partículas. Tornou-se uma das grandes críticas ao sistema educacional nigeriano, principalmente por ser feito em língua inglesa. As afirmações de Oluwole sobre o Ifá e a computação comprovamos em tese recém defendida na Universidade Federal do Ceará (DELFINO, 2020).

Depois da introdução aos problemas da identidade e da oralidade dois autores mostraram decorrências dessa discussão: Edouard Glissant nas Antilhas com o livro “Le Discours antillais”, um livro de 1981 (GLISANT, 1997) e a brasileira Leda Martins como a livro Afrografias da Memória (MARTINS, 1995).

Edouard Glissant é um pensador que luta contra o totalitarismo ocidental capitalista e também contra o totalitarismo soviético comunista; e antecipa os pensamentos sobre a desilusão dos seres humanos com os governos e as formas de governo. Em outro enfoque produz uma corrente à naturalidade do africano contido no movimento da negritude, não exatamente contrária, mas critica as naturalizações e generalizações. Glissant insiste na poética, como um meio de construir novos imaginários, devido a uma desilusão com os processos políticos como meio de mudança. Como parte de sua intervenção poética, Glissant desenvolveu um rico repertório de neologismos com base na nova ciência da física de partículas que desenvolve a teoria do caos e a teoria da complementariedade dos opostos. No campo da identidade a sua luta é pela afirmação antilhana que desenvolve em “Le discours antillais”, um livro de 1981, com uma edição em 1997 (GLISSANT, 1997). Existem outros fatores importantes na obra de Glissant, como a oposição as ideias da mestiçagem contrapondo com o conceito de criolização.

Leda Martins com Afrografias da Memória retoma a importância da oralidade e da memória na formação da identidade africana no Brasil. Se detém sobre o sentido e a relevância da textualidade oral afro-brasileira, focalizando os patrimônios culturais da população negra através dos Reinos Negros e dos Congados em Minas Gerais. Trabalha a recriação da história e da identidade que esses grupos conferem à população negra, num ambiente de negação desses como valores e como parte do conhecimento presente na sociedade brasileira. Ela teoriza, registra e produz as inscrições

ágrafas como pensamento social e destaca a construção poética das Afrografias e dos rituais das danças e dos cortejos.

Durante o século vinte o segundo grande tema da filosofia africana foi a política e o Estado. Um embate entre o socialismo africano e o socialismo denominado de científico pelos europeus e assim aceito pelos africanos. Existia a necessidade de repensar a organização africana e dos estados africanos para os africanos. Também se processava uma luta africana contra as hegemonias. Era necessário repensar as estruturas das nações independentes sob uma ótica africana. Duas grandes solenes vozes e práticas políticas foram o ganense, de etnia Akan, Kwame Nkrumah (1909-1972) e o tanzaniano Julius Kambarage Nyerere (1922-1999), (ASSENSOH, 1998).

Para as ciências políticas e para as filosofias da libertação Kwame Nkrumah deixou pelo menos dois textos de grande importância: *Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonisation* (NKRUMAH, 1970) e *African Socialism Revisited* (NKRUMAH, 1967). O tema da descolonização do pensamento e dos hábitos já era tratado por ele e outros pensadores desde pelo menos 1952. Como também o grande tema do socialismo africano e das estruturas de poder no continente africano.

As origens de Nkrumah eram a etnia Akan, que processou parte da riqueza do ouro africano por quatro séculos e apenas perdeu a hegemonia pelo colonialismo europeu. Ele foi criado dentro dessa tradição, usando os tecidos da tradição. Depois foi estudar nos Estados Unidos da América. Aproveitou o período para estar em contacto com um universo precioso de interlocutores, como Marcus Garvey e o grande poeta e

ativista e socialista do Caribe C. L. R. James. Nkrumah foi inspirado pelos escritos de intelectuais negros, como Marcus Garvey, W.E. Du Bois e George Padmore, líderes do movimento Pan Africano. Uma das ideias foi a da “África para os africanos e a partir das questões africanas”. Isto implicou numa ruptura filosófica importante com o ocidente, onde se pensava um mundo homogeneizado pelo capital e pela cultura europeia.

Julius Kambarage Nyerere, também conhecido em seu país, a Tanzânia, como Mwalimu Julius Kambarage Nyerere. Mwalimu, que em língua Swahili, falada em toda a região africana oriental, significa mestre, professor, aquele que ensina. O “mestre escolar”, como as professoras que alfabetizam e que abrem para as pessoas o universo da escrita e da leitura (OTUNNU, 2015). Assim foi e é considerado para parte da população da Tanzânia. Na filosofia política africana desenvolveu e implantou como referência de estado, quando governou, o conceito de Ujamaa (NYERERE, 1968), (NYERERE, 1971). Ujamaa, que é traduzido como família tradicional africana. Pensava o poder tendo como referência os exemplos das vilas tradicionais da Tanzânia, onde as terras eram de propriedade comunitária, as decisões eram de consenso, pensava também que nas cidades se repetia o mesmo. Sem, contudo, negligenciar as mudanças da modernidade e da integração na comunidade econômica africana e depois na mundial (ASSENSOH, 1998).

Se eu fosse ensinar filosofia africana: as conclusões

Pensar o que fazer para ensinar e como propor um conjunto de temas em um semestre de 60 a 80 horas aulas abordando quase 6000 anos de feitos diversos é um exercício difícil. Sendo que nos atuais padrões das universidades brasileiras somos condicionados e nós aceitamos esses marcadores burocráticos organizadores do espaço, do tempo e do nosso processamento mental sobre a transmissão do conhecimento, no ensino em número limitado de horas, os conteúdos feitos para tantas horas curriculares. Dentro dessa limitação a estratégia de apresentação em quatro grandes blocos permite uma síntese de momentos históricos e de tendência e não da amplitude do tema e nem de todas as grandes contribuições e a diversidade de discussões. A abordagem realizada focalizou os temas da filosofia, cultura, identidade e africanidade através dos autores citados. Grande lacuna entre as opções é de se ter negligenciado por completo a filosofia cristã africana, desde a igreja Copta (Etíope e Egípcia), passando pela igreja da teologia de Santo Agostinho, que faz parte da herança africana para construção do ocidente cristão e mesmo diversos africanos teólogos cristãos. Foram omitidas as relações da filosofia e ciência africana e o islã.

A contribuição mais importante do artigo é relacionar o desenvolvimento do conceito de filosofia africana com a história. Priorizou-se produzir um panorama da complexidade e amplitude do tema da filosofia africana sem uma discussão de algumas abordagens da moda nacional e americana em apresentar a filosofia africana pelo afrocentrismo (ASANTE, 1980).

Portanto, se eu fosse fazer o ensino faria desta forma, mas não pretendo fazê-lo, deixo para os que são de profissões da filosofia e de conhecimentos maiores sobre a filosofia africana. Esse ensaio apenas resume a percepção do pouco que pude aprender sobre o desenvolvimento da temática da filosofia africana durante meio século. Registro que meu primeiro grande contato com a filosofia africana no Brasil foi através da filósofa, professora e decana da filosofia africana no Brasil, Helena Theodoro, no final da década de 1970, quando ela ensaiava os preparativos para o que foi mais tarde a sua tese de doutoramento em filosofia.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricity: The Theory of Social Change**. Themple University Press. 1980.

ASSENSOH, A. B. (1998). **African Political Leadership: Jomo Kenyatta, Kwame Nkrumah, and Julius K. Nyerere**. Malabar, Florida: Krieger Publishing Company, 1998.

ALTUNA, Raul Luiz. **Cultura tradicional Banta**. São Paulo: Edições Paulinas. 2006.

AUFRÈRE, Sydney H. (2008) (in French). **Thot Hermès l'Égyptien: De l'infiniment grand à l'infiniment petit**. Paris: L'Harmattan, 2008.

BEZERRA, Débora Pamplona. **O movimento Rastafári: da Jamaica para identidade e cultura em Fortaleza**. Fortaleza: Tese (Doutorado em Educação) - UFC, 2012.

CAMARA, Babacar. **The Falsity of Hegel's Theses on Africa**. Journal of Black Studies, Vol. 36, No. 1 (Sep., 2005), pp. 82-96.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Afroetnomatemática: da filosofia africana ao ensino de matemática pela arte**. Revista ABPN, v. 22, p. 170-122, 2017.

DECOEUR, Henri. **Maat, between Cosmology and Myth: The Constitutional Principle of a Chthonic State in Ancient Egypt**. Ver. Jur. Thémis, Vol.45, No. 2, 2011.

DELFINO, Jair. **IFÁ E ODÚS: Interdisciplinaridade, Lógica Binária e**

Filosofias Africanas. Fortaleza: Tese (Doutorado em Educação) – UFC, 2020.

DIOP. Cheikh Anta. **The Cultural Unity of Black Africa**. Chicago: Third world Press, 1990.

FRANÇA, Maria Conceição dos Santos. **Geometria das panarias Cabo Verdeano: uma intervenção Etnomatemática para sala de aula**. São Paulo: Dissertação de mestrado em Educação Matemática – PUC, 2017.

FINNEGAN, Ruth. **Oral literature in Africa**. Londres: Oxford University Press, 1983.

FONTAINE, Carole R. A Modern Look at Ancient Wisdom: The Instruction of Ptahhotep Revisited. *The Biblical Archaeologist*. Vol. 44, No. 3 (Summer, 1981), pp. 155-160.

GLISANT, Edouard. **Le Discours antillais**. Paris: Gallimard, 1997.

IDANG, Esther O. **African Culture and Values**. Cidade do Cabo: Unisa Press. Phronimon, Volume 16, Number 2. 2015, pp. 97-111.

HANEGRAAFF, W. J. **Altered States of Knowledge: The Attainment of Gnosis in the Hermetica**. *The Int. Jor. of the Plantonic Tradition*, Leida, v. 2, n. 2, p. 129- 163, 2008.

JACQ, Christian. **The Living Wisdom of Ancient Egypt**, Simon & Schuster, 1999,

KAGAME, Alexis. **La Philosophie Bantu Compare**. Paris: Presence Africaine, 1976.

KENYATTA, Iorno. **Facing Mount Kenya**. Nairobi: Heinemann Educational Books. 1938.

KIROS, Teodoro. **Zara Yacobi: Racionalidade do coração humano**. 2005.

LACHMAN, G. **The Quest for Hermes Trismegistus: From Ancient Egypt to Modern World**. Edinburgh: Floris Books, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. Editora Perspectiva. 1995.

MAZRUI, Ali A. “European Exploration and Africa’s Self-Discovery.” *The Journal of Modern African Studies* 7.4 (1969): 661-76.

MBITI, John S. **African Religions and Philosophy**, London: Heinemann Educational Books, 3rd edition. 1969.

NGUGI WA, Thiong’o. **Decolonising the Mind**, London: James Currey; Nairobi and Portsmouth, NH: Heinemann.1981.

NKRUMAH, Kwame. **Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonization**. London: Panaf Books. 1964.

NYERERE, Julius K. **Ujamaa. English Ujamaa--essays on socialism**. Dar es Salaam, Oxford University Press, 1968.

OBENGA, Théophile. **La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère**, Paris: L'Harmattan, 1990.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil. Elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: Ibeica, 2003.

OLUWOLE, Sophie. **Philosophy and Oral Tradition**. African Research Consultancy, 1997.

ORUKA, Henry Odera. **Sage Philosophy: Indigenous Thinkers and Modern Debate on African Philosophy**. Leiden: E. J. Brill, 1990.

OTUNNU, Ogenga. "Mwalimu Julius Kambarage Nyerere's Philosophy, Contribution, and Legacies". *African Identities*, 13 (1). pp. 18-33, 2015.

PINN, Anthony. **Black Religion and Aesthetics**. Macmillan.2009.

SIMPSON, William Kelly. **The Maxims of Ptahhotep**. Las Vegas, Nevada: Evan Blythin, 1986.

SUMNER, Claude. "The Light and the Shadow: Zera Yacob and Walda Heywat: Two Ethiopian Philosophers of the Seventeenth Century." In Wiredu and Abraham, eds., *A Companion to African Philosophy*, 2004.

TEMPELS, Placide. **Bantu philosophy**. Paris: Présence Africaine, 1969.

TRISMEGISTO, Hermes. **A Tabua da Esmeralda**. Editora Século XXI. 1999.

VIEIRA, Lílian C. F. OMEROS: vozes de identidade e cultura em Derek Walcott. Fortaleza: Tese (Doutorado em Educação) - UFC, 2012.

WALTER, William. **O Caibalion: Estudo da Filosofia Hermética do Antigo Egito e da Grécia**. Editora Pensamento. 1978.

Recebido em 2020-04-08
Publicado em 2020-11-13